

Os rigores do inverno sem pão nem trabalho

Chegaram os maus dias para o operariado. Aquele sol ridente e constante que nos deliciou quase seis meses seguidos despediu-se e de certo não voltará este ano a sorrir-nos, senão no estreito intervalo das nuvens ameaçadoras de tempestade.

Chegaram os rigores do inverno. Já o dia de ontem foi causa de angústia para muita gente pobre. Os ricos apenas tiveram a maçada de sacar do fundo das malas os seus abafos, as boas gabardines, as casas de borracha, as galochas confortáveis, todos os apetrechos, enfim, que tornam as intempéries quase desejadas. Os bons automóveis fechados, quentes, servidos de boas molas, entraram ontem numa actividade mais intensa, condizendo os seus anafados proprietários. Pelos abastados, a chuva foi saudada quase com alegria. Pelos pobres, pelos pírias, foi recebida com amargura senão com ódio. Quantas tragédias aqueles aguaceiros impertinentes não teriam ressuscitado!

Abafo que estavam empenhados, exigiram sacrifícios de seus donos para reaparecer. Os cobertores que haviam sido convertidos em pão, começam a fazer falta no leito das crianças, que choram de frio e de fome, que aperta mais quando refresca o tempo.

PANORAMAS

O reiuro contemporâneo

As maravilhas do século, deste século de incomensurável lucidez e de excessiva inteligência, deslumbram os espíritos, alucinam os cérebros, refinam as sensibilidades. As amarguras e as alegrias dos cidadãos de Roma, dominadora sob a égide dos Césares, tornam-se frívolas e inconsequentes na nossa época de tantas iniciativas e de tantas realizações.

Brutus não teria a menor necessidade homicida de libertar um povo de prolongados pesadelos — ser-lhe-ia bastante fazer-se o comandante de um soberbo transoceânico. Roma, a bordo dum *Mauritania*, deslocar-se-ia em massa, como em exodo, fugindo seu precipitação à colera do César. E o César seria destronado sem imposição quando os seus inimigos políticos e pessoais andassem visitando os países tranquilos de momento ou singrando os oceanos eternamente calmos.

Agora, o *Corinthia*, que nos referem ser um formidável paquete, desloca-se dos portos nortistas, em viagem de rekreio ao redor do mundo, levando a bordo quatrocentos turistas caricatos e buluscos que trazem como elementos de investigação cultural um *kodak* e um *Baedeker*. Como se vivessem numa cidade, aos turistas nada faltaria: luxuosos aposentos, cozinha caprichosa, higiene, conforto, comodidade.

Cada turista leva uma ração de 150 quilogramas de toucinho, 35 de café, 52 de fiambre, 187 de açúcar, 562 de carnes, 262 de peixe fresco, 30 de tabaco e mais 62 ovos, 22 galinhas, 10 garrafas de whisky, 87 garrafas de águas minerais, 1.500 cigarros, tudo isto enquanto visitam 21 países de todos os continentes.

Nisto se resume, afinal, a solução do problema da liberdade que tanto atribui, diversamente, os poderosos e os frágeis, desse século de gigantescas empresas e mesquinhos interesses. Os cidadãos, ou subditos, ou oprimidos, ou insubmissos, russos, bálcânicos, italianos, turcos, espanhóis, portugueses, chineses, tantos outros, bem podem usar o recurso das excursões através de oceanos, sem pôr pé em terra, esperando sobre os mares bonancosos que se desfaça a tormenta nos continentes...

DAVID

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulado *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón. — Preço, 50. — Pedidos à administração de *A Batalha*.

Em Ferreira do Alentejo vende-se óleo por azeite e a carne subiu 50%.

FERREIRA DO ALENTEJO, 20. — Também aqui o agravamento da carestia da vida se tornou sensível. O azeite que foi tabelado em 65\$00 desapareceu, como por encanto. Só numa ou duas casas comerciais se vende um óleo impróprio para consumo a que deram cínicamente o nome de azeite.

Para dar uma ideia do agravamento da cesta da vida citaremos a marcha ascendencial de alguns géneros: a carne de porco, que se vendia a 5\$00, custa já 8\$00, cada quilo, e o carneiro pulou de 4\$00 para 6\$00, repentinamente, e o azeite que estava a 5\$00 vende-se dum maneira clandestina a 8\$00.

Os salários dos rurais continuam sendo irrisórios: medeiam entre 6 e 7 escudos, quando têm trabalho, o que agora acontece. E os trabalhadores em vez de se associarem, permanecem atacados do mais deplorável indiferentismo...

Notas & Comentários

Em flagrante

A revista *A B* visita-nos gentilmente todas as semanas, apresentando-se como actualidade gráfica. Em sua função, mostra-nos flagrantes aspectos da vida portuguesa, cuja minúcia vai até ao amadorismo literário da gente frívola e banal. Abrindo o seu número da corrente semana, deparamos logo com flagrante que muito interesse deve despertar, podendo até considerar-se um documento histórico. E' uma fotografia que revela a fraternidade de republicanos e monárquicos, a propósito de uma qualquer comemoração de monárquico já falecido. Lá se vê o sr. Aires de Ornelas, lugar-tenente do sr. D. Manuel, entre o sr. Vitor Hugo de Azevedo Coutinho e o sr. Vieira da Rocha: o primeiro é chefe do partido monárquico, o segundo já foi alto comissário em Moçambique, o terceiro já foi ministro da guerra e comandante geral da Guarda Republicana. Um permanece fiel ao seu credo monárquico, os outros dois fizeram profissão de fé republicana. Ainda bem que a existência de monárquicos e republicanos é o resultado de amores que o tempo dissipou.

Falsidades

O Diário de Lisboa, como de resto quase todos os jornais burgueses, não percebe do que se passa na Organização Operária. E quando pretende perceber é no intuito apenas de desacreditá-la. Foi o que aconteceu ontem com o referido jornal, que a falta de assunto, deu em inventar uma notícia deslustrada de fundamento ácero da C. G. T. Entre outros disparates afirmava que as federações da Construção Civil e Mobiliário iam abandonar o Conselho, porque vários organismos haviam nomeado ao futuro Conselho os mesmos delegados que faziam parte do anterior — o que é absolutamente falso.

Será possível?

Constava ontem na polícia que a Companhia Carris e a Associação dos empregados da mesma ofereciam prémios, respectivamente, de 500 e 5.000 escudos para quem conseguisse descobrir o autor da agressão. Que a Companhia use desses processos odiosos, não nos assombra. Mas que a Associação do pessoal pretendia empregar tão avultada verba para pagar a infâmia de uma delação-revela. Oxalá o boato não se confirmasse para que os empregados da Carris não vejam mais carregado o ambiente de antipatia que sobre elas paira.

BRANCO RODRIGUES

Branco Rodrigues que anteontem se encontrou foi uma das raras pessoas que em Portugal encarou a sério o problema de assistência aos cegos. A sua ação merece, por isso, a carinhosa atenção de todos os que se interessam por estes assuntos de solidariedade humana.

Empregou a sua fortuna pessoal na fundação de dois institutos para proteção e educação de cegos, um no Norte e outro no Sul. Mas como não lhe fosse possível mantê-los a ambos funcionando regularmente, encerrou o do Norte, dedicando a sua atenção apenas ao Sul que tem a sua sede em São João do Estoril.

Devido à sua actividade, o Instituto Branco Rodrigues tem-se mantido até hoje, prestando aos cegos internados relevantes serviços.

A morte, arrebatando Branco Rodrigues, criou uma lacuna que dificilmente será preenchida, por falta de gente de coração e de espíritos abnegados.

Carol já não volta...

BUCAREST, 21. — Um comunicado oficial do ministério da Real Casa desmente formalmente as notícias publicadas acerca do regresso à Roménia do príncipe Carol e da sua reintegração como príncipe herdeiro. (H.)

OS ENVENENADORES DO PVO

O triunfo da campanha de A BATALHA contra os crimes dos moageiros reconhecido por alguns jornais e pelo congresso dos operários da indústria de panificação

As campanhas de *A Batalha* encontram sempre eco na opinião pública. E' uma questão de tempo. E saber esperar ainda é uma grande virtude.

Há cerca de um mês agitámos nas colunas do nosso jornal o gravíssimo problema do fabrico do pão, trazendo ao conhecimento dos leitores verdadeiras monstruosidades que só por si, num país civilizado, levaram os governos a meter na ordem os envenenadores do povo.

Dissemos nessa altura, sem avanços literários, que o pão era fabricado em verdadeiras pociças sem ar nem luz, com instrumentos que há muito careciam de substituição. Provámos que na indústria de panificação não há higiene, que os operários dormem em infestos dormitórios donde se exala um fetido de sujidade e de imundice e que no exercício da sua profissão os manipuladores de pão expectoram no solo, irradiando desse gesto bastantes inconvenientes para a saúde dos que ali trabalham e graves perigos para o público que tem que comer todos os resíduos de farinha espalhados pelo solo.

Salientámos também que as amassadeiras estão podres, acumulando milhares de micro-organismos que vão misturá-los no pão que todos nós comemos.

Reclamámos para isto uma grande picaleta, como medida de higiene pública, como única profilaxia para um grande mal.

Durante dias um silêncio pesado envolveu as nossas revelações. Nem uma única medida, nem uma leve resolução.

E' uma forma de pão que é a única medida que tem enriquecido os insaciáveis moageiros.

Depois desse silêncio veio o aplauso dos nossos camaradas manipuladores de pão, exteriorizado no congresso de indústria que acaba de encerrar os seus trabalhos.

Aqueles trabalhadores, com um desassombro que revela uma grande coragem, proclamaram na reunião magna referida toda a verdade do que existe na indústria de panificação. E essas revelações vieram apenas confirmar tudo quanto um mês anterior.

Na indústria de panificação, que pela sua delicada função deveria ser uma indústria com todos os requisitos de higiene, não há a mais leve noção do que seja o asseio.

Não é de admirar que a sua organização

é rudimentar, tendo ainda em exercício os velhos processos de manufatura. As dependências que servem de padarias não possuem condições: são acanhadas, não têm ventilação e não reúnem sequer aquela elementar higiene que se exige até para uma indústria alheia produtos alimentares.

Tudo isto foi afirmado no Congresso dos Operários do Ramo de Alimentação há poucas horas.

E tudo isto foi aprovado por alguns jornais para combater o sindicato moageiro, tornando-o responsável do crime sem nome que é o de fabricar pão em tão terríveis condições.

Outro tanto, muito antes do congresso, foi revelado por nós.

Nós acusámos a Companhia Nacional de Alimentação de autora dessa monstruosidade. Mas também acusámos os industriais de padaria do mesmo crime. Porque, afinal, os criminosos são uns como são outros.

Os estabelecimentos da C. N. A. são pessímos. Mas os estabelecimentos independentes — só não são melhores, havendo alguns — admitem-se o grau de comparação — muito... pessímos.

Logo o combate a essa monstruosidade deve visar também aqueles industriais que se acobertam sob as azas protectoras do órgão das falcatravas económicas. Sem elas é preciso praticar obra parcial.

* * *

Mas não são apenas os industriais de padaria os únicos culpados do envenenamento do povo. Os industriais refinadores de açúcares têm iguais responsabilidades.

Também no devido tempo referimos às condições em que é refinado o açúcar, condições verdadeiramente péssimas e que trazem para o público uma série de inconvenientes.

Os industriais refinadores com as suas exigências de *marosca*, que é a ligação do açúcar com todas as impurezas do açúcar, são muito, não também envenenando o público, porque o obrigam a comer vidros, rátulas, ossos e uma infinidade de detritos.

Mas destas ninharias não curou o órgão das falcatravas económicas, porque quem sabe? — talvez algum dos industriais criminosos que tinhamos afirmado.

Mas curamos nós, porque estamos aqui para defender os interesses do povo, como alguns jornais o vão reconhecendo e como o Congresso dos Operários do Ramo de Alimentação o proclamou.

NEGÓCIOS SÃO NEGÓCIOS...

Como enriquecerem vertiginosamente os diretores da Companhia de Fiaria e Tecidos de Alcobaça

O consumidor paga por alto preço os produtos manufacturados por operários que ganham baixos salários

A Companhia de Fiaria e Tecidos de Alcobaça realiza fabulosos lucros, ao mesmo tempo que esbulha o consumidor exagerando o preço dos produtos e reduzindo os operários às maiores privações pagando-lhes salários insignificantes. O desafôr chega ao ponto de se furtar ao pagamento do que o Estado lhe tributa, facto de somenos importância, mas fortemente expressivo.

Os operários, especialmente as mulheres, são mal retribuídos, são ferozmente perseguidos até por um simples bocadinho de linha. Entretanto, ocultam-se os grandes roubos cometidos por pessoas de respeito: o escândalo, porém, abafa-se, por questões de hierarquia, e passa-se a disfarçar dos quantiosos lucros, como se fizesse com uma emissão de 12.000 ações que foram oferecidas a accionistas e não accionistas.

Em 1920, o capital da fabrica, que era de 30 contos, deu de lucros 344 contos, como consta do relatório, porque mais e muito mais se tem dado por fora. Neste ano ainda a gerência figura com a modesta quantia de 40 contos de retribuição e mais 30% para dividendo, tendo o restante diversas aplicações sob diversos títulos. Em 1921, com o mesmo capital, figura no relatório o lucro de 1.216:967\$43, acomodando a gerência com a insignificante quantia de 201:575\$44 de retribuição, sendo o restante aplicado em diversas coisas e com várias rubricas entre as quais figura a de "compensações a pagar" com 150 contos. Como dividendo figura no relatório 30%, mas por fora deram-se mais 70%.

Pode-se chamar a isto ganhar? Nós desconfiamos que é roubo, porque este lucro não serve para o padrinho, para o jesuíta, para o explorador e para o patronato, e isto porque Deus está tanto mais próximo do povo, quanto mais próxima está a felicidade de que é Lisboa, o que nos impede dentro de pouco de gritar:

O INCENDIO NO PORTO

Seis vidas sacrificadas barbaramente a uma propriedade condenada

Após as lágrimas hipócritas pelos mortos, o silêncio cumplice para com as responsabilidades de um inspector

PORTO, 19. — Afixados pelas paredes apareceram uns cartazes condenando o estranho silêncio da imprensa ante as culpabilidades atribuídas ao inspector dos incêndios sobre a morte dos seis inditosos bombeiros.

E' de facto, muito literariamente interessante dizer-se que as seis "vítimas do dever", que "nobremente morreram no seu posto", tiveram um liado, um imponentíssimo enterramento, onde compareceu toda a sumptuosa farfalhice oficial a prestar as suas derradeiras homenagens. E' realmente muito emocionante saber-se que o povo do Porto e arredores coalhou por completo as ruas por onde passou o cortejo fúnebre, dando com a sua compacta assistência, com o reboligo da sua curiosidade atropelante, um cunho de maior saudade chorosa pelos seis mártires dum incêndio desgraçado.

Mas se é sentimentalmente decorativo exagerar-se nas tintas pondo-se em todos os olhos da vastíssima multidão ondulante, copiosas lágrimas — só se viam lágrimas! — embora vissemos multíssima gente, quasi toda a gente, a olhar para o enterramento por um simples impulso de gentilícia curiosidade, como quem olha para uma antiga procissão da *Paixão* — é não ser também emotivamente certo que a imprensa devia reflectir nas suas colunas o pensamento popular, a opinião pública, acerca das responsabilidades do desastre?

Há um jornal desta cidade que tem sempre uma forma mística, excessivamente fanática, de descrever scenas sinistras. Dando largas a essa forma jesuítica, com o fim de especular com o espírito supersticioso do povo mais ignorante, traçou na sua reportagem do funeral das vítimas este bocadinho curioso: — "Dum dos caixões não se sabe qual — jorrava sangue. A nova espalhou-se. A multidão benzia-se, timorata e supersticiosa. Dizia-se — Aquela alminha é

Há um jornal desta cidade que tem sempre uma forma

TEATRO SALÃO FOZ
Matinées à 3 h. Sóiree às 8,45 h.
ESTREIA da ilustr. actriz-cantora
Jaliza de Sousa
Últimos espetáculos em que fomos parte:
PITUSILLA
notável estrela do cupete.
ARTELLI
el teor de hierro
GUITART
distinta soprano dramática
Concerto pela FOZ MELODY BAND
NO ECRAN—O soberbo «film» ELA
PREÇOS ULTRA POPULARES
Superior, 250; Platina ou Balé, 50; Camarotes, 15,00; Praias, 20,00;

TEATRO AVENIDA
Tel. N. 4396
HOJE—Inauguração da época de inverno
com a «reprise» do sensacional.

Pão de Ló
Nos primaciais papeis:
L. SATANELA
E. AMARANTE

TIVOLI
Teléfono N. 5474

As 21 horas

TAMARA

(A História de um Príncipe Russo)
Alta comédia. Emocionante entrevero. Intérpretes principais: Mileen Pringle e John B. Miller (o novo Rudolph Valentino)

Queria desculpar
Graciosa comédia com Norma Shearer e Conrad Nagel

Embrulhada conjugal
Engraçada cine-fúria

Revista de actualidades

CENTRO DO TRINDADE — Telefone: 976 T.

HOJE
GRANDIOSO ESPECTÁCULO
DA COMPANHIA

LUCILIA SIMÕES-ERICO BRAGA
A interessantíssima peça

A EXILADA
Notável desempenho de Lucila Simões, Erico Braga, Dinis Stichini, Joaquim Almada, Semísei Diniz, Mário Santos, Seixas Pereira, etc.

Nos intervalos, em concerto, a grande pianista francesa, Yvonne Lambert, 1.º prémio do Conservatório de Paris

Preços iguais aos da temporada anterior
O mais barato espetáculo de Portugal

**O que resolveu ontem
a Câmara Municipal**

Considerando que a permanência dos automóveis do Estado dentro das arcadas da Praça do Comércio, não só dificulta o trânsito de peões por aquele local, mas ainda suja o pavimento com os óleos que caem dos motores, o que provoca um mau aspecto para quem por ali passa, a edilidade houve por sensato oficiar à Presidência do ministério solicitando as necessárias instruções aos «chauffeurs» a fim de que futuro elos permaneçam com os carros junto das valetas dos passos.

Tendo-se verificado que a escadaria, cortinas e alto de Santo Amaro pertencem à Junta da Freguesia de Alcântara e sendo esse ponto um dos mais interessantes de Lisboa, não sonhou pelo belo panorama que se goza desse ponto elevado mas ainda pela curiosa capela seiscentista com os seus preciosos azulejos, policromos, e sendo facto que essa escadaria com as suas cortinas e o alto da capela se encontram há muito tempo no mais completo abandono, certamente por não ter a dita junta verba para fazer as devidas reparações, a vereação resolveu procurar um entendimento com a junta de freguesia de Alcântara a fim de se fazer a municipalização do alto da referida capela de Santo Amaro bem como da escadaria que a ela condiz.

Nomeou-se a seguinte comissão de técnicos com o encargo de elaborar um plano geral de melhoramentos na cidade: Presidente, Henrique Quirino da Fonseca, vogal da 3.ª Repartição; Vogais: arquiteto José Luis Monteiro; engenheiro Augusto Vieira da Silva; artista pintor Luciano Martim Freire; arqueólogo Gustavo de Matos Sequeira; engenheiro agrônomo Joaquim Rasteiro; mérito higienista dr. Silva Carvalho.

Foi proibida a circulação de veículos na rua dos Poiais de São Bento, do nascente ao poente.

Resolviu solicitar do ministro do Comércio que ordene as providências necessárias para a canalização de abastecimento de água ser prolongada desde o Campo Grande até ao fim da Avenida Alferes Magalhães, pelo menos, a fim da população do Pote de Água ser convenientemente abastecida.

Morte misteriosa

Deu entrada na morgue Manuel Pires, 30 anos, serralheiro, residente no pátio das Canas, letra B, à Azinhaga da Torrinha, que, na mesma azinhaga, foi ferido com um tiro no peito em casa do seu irmão, que se encontra preso como suspeito de ter sido o autor da morte.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.
Entre Vinhedos e Pombares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.
A venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Suplemento semanal ilustrado
de «A Batalha»

i. contrase já a venda o primeiro ano desse interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalha ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice) 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, a administração de A Batalha.

Edições de «A Sementeira»
Práticas néo-maltusianas, \$50
O sentido em que somos amarquistas, \$30
A peste religiosa, \$40
A Liberdade, \$50
A Internacional (música e letra), \$30
Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 15\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arckinof. Preço 15\$00.

Várias notas da Lisboa triste

Ainda o caso do Lumiar

No enfermaria de São Francisco, do hospital de São José, saiu ontem com alta, João Manuel Pereira, de 51 anos, aquele comerciante da rua do Lumiar, 29 que, como noticiámos, foi, no dia 12 último, agredido com um péso de ferro, pelo guarda do lavadeiro do Lumiar.

Queda a bordo

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo e seguiu depois para casa, António Sequeira Mota, de 49 anos, marceneiro, natural e residente em Cezimbra, e que, em Alcântara, caiu de uma prancha para bordo de uma fragata, ficando ferido na cabeça e contuso nas costas.

Eplégia de uma agressão

No enfermaria de São Francisco do hospital de São José, faleceu ontem José Grilo, de 25 anos, residente em Vazza Borracha, perito de Aldeagalea, aquele jornaleiro que, como noticiámos, apareceu no dia 18 último, ferido com um tiro no ouvido direito, próximo do apêndice de Sarihos Grandes. O cadáver foi removido para a Casa Mortuária do mesmo hospital, aguardando a resolução das autoridades respectivas.

Morte pelo marido

Na Morgue deu ontem entrada o cadáver de Carlota Correia, que no quarto de dormir da sua residência, na rua da Cascalheira, 26, depois de uma altercação, de manhã, com o marido, foi por este morta com um tiro que a atingiu no peito. O agressor foi preso e o óbito verificado pelo respetivo sub-delegado de saúde.

O fim dos que trabalham

Na enfermaria de Santo António, do Hospital de São José, faleceu ontem Mário Ferreira Alves, de 62 anos, carroceiro, morador no Bairro dos Tonelinhos, 18-A, 1.º, que, como noticiámos, foi no dia 6 último colhido pelo carroça de que era condutor, na rua da Cima de Chelas.

Tentou suicidarse o autor da morte do condutor

Na enfermaria de São Francisco, do Hospital de São José, deu entrada, por ter tentado suicidarse, na esquerda de Balem, golpeando-se no pulso esquerdo, Albano Nobre Guerreiro, de 17 anos, empregado no comércio, residente na rua Renato Baptista, 1, r/c, aquele indivíduo arguido de ter morto com um pontapé o condutor dos eléctricos António José, cujo funeral se realizou ontem.

Liga pró-moral

A direcção desta instituição de protecção à infância resolveu, em sua última reunião, prorrogar o prazo de recepção de requerimentos, apresentando crianças para vestir e calçar, até 10 de Novembro, devendo de futuro esses requerimentos ser entregues na residência do secretário, rua da Voz do Operário, 42, 3.º D., onde se prestam todos os esclarecimentos.

Nessa mesma reunião foi registado o júlio de instituição pela brilhante conferência realizada na sua sede pelo sr. Alexandre Ferreira, a quem foram transmitidos os agracimentos da Liga. Tomaram-se também deliberações acerca da constituição da comissão de festas, que deve muito brevemente iniciar a sua missão no sentido de obter receitas para a obra meritória desta colectividade.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de «A Batalha» acaba de editar o folheto, o decreto 5518, de 7 de Maio de 1911, que estabelece o horário de trabalho.

Diário do Governo, de 28 de Maio sobre o horário de trabalho, quando o seu preço avulso de 5\$00.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidades de 50 folhetos.

Pedidos à administração de «A Batalha»

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Fimmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 122

A BATALHA

LEDE NO NOSSO FOLHETIM

A Revolução Francesa

Uma obra admirável que todos devem ler

E' aquele o título do novo livro que «A Batalha» está publicando em folhetins da coleção «Mistérios do Povo», por Eugene Sue.

Trata-se do último livro daquela soberba coleção, o que tem maior intensidade de acontecimentos, onde a alma popular prenhe de aspirações de justiça mais se evidencia e mais nos fala dos grandes acontecimentos renovadores que Eugene Sue soube, com a sua pena brilhante, romântica.

Os nossos leitores que não tenham acompanhado os livros anteriores podem, sem prejuízo da obra, iniciar a leitura, visto que cada volume trata duma época histórica e constitui uma obra completa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes cenas desenvolvidas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra maravilhosa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes cenas desenvolvidas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra maravilhosa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes cenas desenvolvidas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra maravilhosa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes cenas desenvolvidas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra maravilhosa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes cenas desenvolvidas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra maravilhosa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes cenas desenvolvidas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra maravilhosa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes cenas desenvolvidas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra maravilhosa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes cenas desenvolvidas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra maravilhosa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes cenas desenvolvidas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra maravilhosa.

A pena inspirada de Eugene Sue soube encontrar nesse belo e dramático acontecimento todas as suas fases emotivas e embelezar todas as grandes cenas desenvolvidas em torno dum rei que encarnava a tirania e dum povo que se bateu com energia, com audácia, com sublime e abnegado heroísmo pela liberdade e pela morte de grandes e iníquos preconceitos que ficaram para sempre aniquilados.

Na obra de Sue o povo atinge as alturas máximas da revolta e da justiça. Todos têm o dever de ler esta obra maravilhosa

A BATALHA

OS CRIMES DO CAPITALISMO

Onze horas de trabalho forçados

E é este o regime imposto aos operários condenados pelos britânicos da fábrica de Cravel

PORTO, 19.—«Fizemos» mais uma visita à fábrica de Cravel, e isto por alguém ter suposto que nós definitivamente abandonámos aquele estabelecimento fabril dos ingleses Clark & C.º. Não esquecemos assim facilmente aquela Babilónia de trabalho textil, onde um maquinismo, que faz tremer um pessoal reduzido, se movimenta em vertigens nas suas engrenagens azeitadas.

Deixemos a torcedoria «de arquibancadas todas as peripécias que relatámos na sua devida altura. Caminhando sempre à nossa direita, vamos passar por entre duas pilhas de carvão — tão negro como a alma de algumas criaturas que têm a suprema felicidade de estrambicamente dirigirem dezenas e dezenas de escravas «falecidas» no mais espantoso mutismo... Uma vez entrados na casa das máquinas, despara-se-nos enorme maquinaria: a primeira é de 600 H. P., a segunda de 400 H. P. e a terceira de 100 H. P. Esta serve unicamente para a produção da luz, que também abastece — louvado seja Deus! — as casas dos que preponderam, dos que tiranizam, na histórica fábrica de Cravel — enquanto o pessoal traficado dà gracas ao seu Altíssimo por ser iluminado com simples gotas de petróleo falsificado. Escusado será dizer que dois grandes quadros ligam a luz elétrica para as várias secções, cada uma com as suas proezas de melodramáticas perseguições.

Na citada casa das máquinas, mercê das canseiras dos operários que ali trabalham, encontramo-nos tudo no maior rigor de limpeza: os «amarelos» brilham como ouro, e os «brancos» reflectem como espelhos — não como os cristais dos ingleses, não como o ouro da Companhia Clark & C.º.

Descida uma escada, passámos pela secção dos electricistas, mais adiante pelo condensador. Esta máquina ocupava em tempos um homem. Mas como o sr. gerente resolvesses entrar em sérias economias, por causa dos desperdícios com o Minerva, esse perdiulário automóvel a que já nos ferimos noutra crónica atraçada, por motivo da rádio-telefonia para ouvir os concertos da sua pátria *nossa amiga* — esse homem foi transferido para simples serviço de trabalhador... Os que em cima olham pelo bono funcionamento dos alucídos 1.100 H. P. da maquinaria em actividade, são agora compelidos a, cumulativamente, vigiar pelo condensador...

Palmejando sempre na nossa peregrinação pelas secções, vamos dar à bomba de alimentação, e atravessando uma pequena porta, enfrentámos com 4 enormes caldeiras servidas de 8 bocas de fogo. Destas 8 bocas, só 6 que funcionam. As outras duas estão de prevenção para efeitos de avarias. No serviço destas caldeiras estavam, antes, empregados 3 homens, cada um com o encargo de duas bocas de fogo. Como, porém, os directores da fábrica de Clark & C.º entenderam que o pessoal devia ser reduzido ao número mais diminuto possível para executar, amargamente, o que devia ser feito pela gente necessária, que a natureza do trabalho requer aqueles três homens ficaram apenas em dois, porque a base da riqueza é a exploração humana — e sem isso, adeus automóveis e telefonemas sem fios...

Assim, para aquelas seis bocas terem a nutrição indispensável para o desempenho do seu papel rubro-mecânico, têm os dízimos dois operários de, durante 11 horas de serviço estupendo e contínuo, acarretar e meter-lhes 20 toneladas de carvão, porque a compleição formal das tais bocas não faz o consumo diário por menos quantidade... O mesmo faz quem tartarinescamente superintende na fábrica: contra o horário normal das oito horas, exigem que os desgraçados trabalhem, brutalmente, onze... Sejamos, porém, francos: o encarregado daquele inferno das caldeiras e das bocas de fogo, J. Ferreira, não é o culpado do que se passa naquela situação diabólica.

Passando pela secção de picheleiro, forjador e oficina mecânica servida de maquinismos os mais modernos — nos quais trabalham poucos operários e de cujo mestre, o sr. Justo, nada há a dizer, por ser boa a sua índole — percorremos depois a secção de carpintaria. Nada de registo em desabono do mestre Moreira, porque igualmente não tem um porto bestial.

Mas já não quisemos penetrar na secção «comandada» pelo abominável Joaquim Domingues: só só pela desordem em que tudo se encontra, mas ainda porque receamos o contágio do mau espírito, do espírito ferino, de tal mestre — segundo é crença dos seus subordinados, estudadores, pintores, pedreiros e trabalhadores.

O «amarelo», supremo de todas as secções enumeradas, é o engenheiro H. R. Stott. Deste «graduado», apenas há a dizer isto: que se não fosse o seu feito condenavelmente descorre, irritantemente rústico, cuja incivilidade desatende o respeito que se deve ao nosso semelhante, principalmente aquele que, no trabalho, faz das tramas, coração, para o enriquecimento das Companhias como a de Clark & C.º — seria uma criatura razoável, menos má... E' verdade que, ao que consta, outros é que o incitam ao mal, visto que a supressão de operários que se dão em Cravel é da responsabilidade de um outro poder mais alto que se elevanta sobre o engenheiro Stott: o ditador-gerente J. Dow, o qual, britanicamente julgando ter o rei na barriga, procura aumentar o serviço à medida que reduz o pessoal... em benefício dos Minervas e das rádio-telefônias da empresa Craveliana...

C. V. S.

LUTA DE CLASSES

A falência social da burguesia acusada pelas próprias estatísticas oficiais

A crise de trabalho, uma das mais desastrosas consequências do sistema capitalista, não cessa de torturar o proletariado da quase totalidade dos países, suportando-se mesmo que nenhum país europeu esteja escapa do terrível mal económico. Nenhuma solução o capitalismo poderá oferecer à crise, pois, os interesses particulares é que, na actual sociedade, regulam a função produtora, e nunca se tem em conta as incessantes necessidades colectivas.

As estatísticas oficiais, a-pesar-das suas reservas e das suas insuficientes informações, não podem evitar a denúncia do flagelo. Só em Portugal e nos países bálticos se pode ter ilusões acerca da amplitude da crise. Neste país há províncias inteiras que vêm aumentar a sua emigração por faltas crónicas de trabalho.

Todos os esforços dos capitalistas e dos políticos de toda a espécie, quer reactionários, quer os mais radicais, têm fracassado diante do flagelo económico do século XX.

Apoiamos a nossa demonstração em dados oficiais, ainda que tenhamos a intuição de exprimirmos plaidamente a realidade.

Em Itália estavam inscritos, em fins de julho, 78.000 operários sem trabalho. A situação não mostra tendência para melhorar.

Na Rússia, aumenta diariamente o número dos sem-trabalho. Os números dados por 250 bacias oficiais noticiavam que estavam inscritos 901.000 operários desempregados em 1925, mas esse número eleva-se, até maio de 1926, a 1.091.000. As percentagens eram assim descremadas: 18,3 para os operários de especialidade, 18 para os intelectuais e 43 para os operários não categorizados. A maior intensidade da crise observa-se em Moscúvia e Leningrado.

Os Estados Unidos são os países de maior fama de florescência industrial. O ministério do trabalho informava, em junho último, que 10.004 estabelecimentos pertencentes a 54 indústrias e empregando 2.981.672 operários, havia uma percentagem de 91,3 trabalhadores em actividade.

O industrial mandou vir quatro homens de Niza que se prestaram a trabalhar 12 e 13 horas, recebendo em troca um salário inferior ao que auferiam os que foram despedidos durante o período de 8 horas. Não estranhámos a ganância dos industriais, posto que estão convencidos que a inconsciência de certos operários tudo permite.

Também não estranhámos que sendo as 8 horas lei do país as autoridades a não façam cumprir.

Como se trata dum lei que regulamenta uma das principais condições de trabalho e pode ser exigida a sua aplicação, iriacearce os fabulosos lucros dos exploradores...

A Bélgica tem fugido mais à crise, se quisermos reconhecer alguma sinceridade nas estatísticas, que acusavam, ultimamente, apenas 10 por cento de desempregados.

A Inglaterra é o estado capitalista mais flagelado. Em fins de junho existiam 1.14.000 trabalhadores desempregados. Apenas estavam inscritas 7.682 pessoas.

Na Alemanha, o governo subsidia em setembro nada menos de que 1.549.000 desempregados. As informações dadas por 40 federações sindicais denunciavam que os seus efectivos ascendiam a 3.398.003 operários, dos quais se achavam sem trabalho, no último dia de Julho, 599.917 e 563.823 com trabalho reduzido.

A França não sofre uma crise tão violenta em virtude da sua necessidade instantânea de reconstituir o que se arruinou na guerra — cidades e vilas, indústrias e comunicações. Ainda assim, as cifras oficiais, neste país que não subsidia desempregados, anunciam que nas bolas de trabalho se achavam inscritos 7.682 operários desempregados em Julho último.

Vejamos agora os números oficiais de outros países:

Austrália — Os sindicatos operários informavam que no segundo trimestre do ano

PROPAGANDA SINDICAL

Realizou-se uma sessão em Graça do Divor

GRAÇA DO DIVOR, 20.—Realizou-se na sede do sindicato dos rurais de Graça do Divor uma sessão de propaganda sindical. Presidente Matias José de Oliveira secretariando Filipe José Justo e Agostinho Peixoto.

Usou da palavra, em primeiro lugar, Feliciano Leitão, do Núcleo da Juventude Sindicalista de Evora que pronunciou um violento discurso, fazendo uma crítica cerrada às iniquidades económicas e morais da actual sociedade.

Aconselhou todos os trabalhadores a sindicarem-se a fim de resistirem às extorções do inimigo comum: o capitalismo.

Fala em seguida António Tomaz, da Federação Rural, que começo por acentuar que o analfabetismo constitui um dos maiores entraves à obra de emancipação da classe trabalhadora. Ataca largamente os políticos que ludibriam os operários fazendo-lhes promessas que eles não estão dispostos a cumprir. Incita todos os trabalhadores a cumprir o seu dever, robustecendo os seus sindicatos, únicos bálsamos onde podem resistir com eficácia às armadas violentas e brutais de todas as tiranias e explorações.

Joaquim Alves Barrão da U. S. O. de Evora, escapa largamente a sociedade burguesa. Critica largamente o sistema político que mantém de pé a exploração do homem pelo homem e salienta que o ensino religioso visa o embrutecimento dos trabalhadores. Nesta altura, por proposta de Feliciano Leitão, é aprovada, no meio de grande entusiasmo uma saudação a D. Vitoria País pela maneira como reagiu no Congresso Pedagógico contra o establecimento do ensino religioso.

Por último falou Joaquim Candieira, da Federação Rural, que recordou as lutas sustentadas pelos antigos escravos contra os seus opressores, acentuando que o espírito que mantém de pé a exploração do homem pelo homem e salienta que o ensino religioso visa o embrutecimento dos trabalhadores. Nesta altura, por proposta de Feliciano Leitão, é aprovada, no meio de grande entusiasmo uma saudação a D. Vitoria País pela maneira como reagiu no Congresso Pedagógico contra o establecimento do ensino religioso.

Por último falou Joaquim Candieira, da Federação Rural, que recordou as lutas sustentadas pelos antigos escravos contra os seus opressores, acentuando que o espírito que mantém de pé a exploração do homem pelo homem e salienta que o ensino religioso visa o embrutecimento dos trabalhadores. Nesta altura, por proposta de Feliciano Leitão, é aprovada, no meio de grande entusiasmo uma saudação a D. Vitoria País pela maneira como reagiu no Congresso Pedagógico contra o establecimento do ensino religioso.

Por último falou Joaquim Candieira, da Federação Rural, que recordou as lutas sustentadas pelos antigos escravos contra os seus opressores, acentuando que o espírito que mantém de pé a exploração do homem pelo homem e salienta que o ensino religioso visa o embrutecimento dos trabalhadores. Nesta altura, por proposta de Feliciano Leitão, é aprovada, no meio de grande entusiasmo uma saudação a D. Vitoria País pela maneira como reagiu no Congresso Pedagógico contra o establecimento do ensino religioso.

Em seguida foi encerrada a sessão.

O pessoal dos Correios e Telégrafos de Gaia

e Telégrafos de Gaia reclama uma nova organização de serviço, que muito aproveitaria ao público

VILA NOVA DE GAIA, 19.—Veze sem conto o pessoal dos Correios e Telégrafos, momento os carreiros, em virtude da demora da entrega de correspondência, tem sido acusado de não cumprir os seus deveres. Todas as vezes que a entrega de uma carta não se faz no tempo devido sobre o carreiro caem as acusações de uma população.

Ora a verdade é esta: Da deficiente organização de serviço, que determina a demora da correspondência, não é culpado o pessoal. O serviço é péssimo, mas disso é culpado a Direcção Geral dos Correios e Telégrafos.

Para que estas anomalias cessem o pessoal dos Correios e Telégrafos reclamam da Direcção Geral que o serviço de distri-
buição em Gaia seja subordinado à Central do Porto. Dizem os reclamantes que desse modo se evitaria o transporte de malas da estação dos Caminhos de Ferro de Gaia para a estação postal e da central do Porto para Gaia, serviço que custa ao Estado qualquer coisa parecida com 50.000 escudos diários.

Além desse inconveniente ainda temos os inconvenientes para o público. Ai vão alguns exemplos: a correspondência deitada em Lisboa às 18.30 horas, em Lisboa é entregue ao seu destinatário às 9 horas do dia seguinte. Pois a correspondência que no Porto, a dois passos daí, seja lançada às 19 horas só no dia seguinte à tarde é que é entregue. Com a nova organização tudo isto se evitaria.

Depois ainda temos este caso a considerar: Gaia é hoje um dos principais centros industriais de tornoaria, indústria que vive de salários. O rei assinou um decreto prorrogando por mais um mês o estado de circunstâncias excepcionais. — (H.)

Todos estes argumentos foram postos na exposição que o pessoal dos Correios e Telégrafos entregou à Direcção Geral.

Oxalá que ele saiba compreender o alcance desta nova organização de serviço, porque assim muito lucrará o público. — (C.)

A desumanidade dos senhores da lavoura

SANTO ALEIXO, 20.—É grande a crise de trabalho neste localidade, lavrando a fome em dezenas de lares de trabalhadores.

Esta crise é provocada, em grande parte, dando para isso todo o apoio à comissão que tem tratado desse melindroso caso, podendo agregar a si todos os elementos que julgar convenientes.

Mais resolvem nova procurar o sr. administrador geral a fim de lhe expor as aspirações do pessoal e pedir-lhe que as forme em dezenas de lares de trabalhadores.

Continuar a tratar do assunto até que desapareçam as causas que lhe deram motivo, dando para isso todo o apoio à comissão que tem tratado desse melindroso caso, podendo agregar a si todos os elementos que julgar convenientes.

Mais resolvem nova procurar o sr. administrador geral a fim de lhe expor as aspirações do pessoal e pedir-lhe que as forme em dezenas de lares de trabalhadores.

Resolveram também ir junto da imprensa para o pôr ao facto de tudo quanto é passado dentro da Casa da Moeda, especialmente no que diz respeito à fabricação da nova moeda.

Foram tratados ainda outros assuntos, sendo resolvido realizar brevemente outra sessão magna.

Finanças eleitorais

LONDRES, 21.—Notícias de Washington dizem que se pensa ali que o manifesto dos banqueiros não deixará de ter efeitos sobre a próxima campanha eleitoral nos Estados Unidos, visto ter sido assinado por Morgan e outros banqueiros americanos, sendo provável que alguns oradores republicanos e democratas dele se ocupem. — (H.)

1.º Lavar o seu mais veemente protesto contra aqueles que para satisfazer suas ambições pessoais pretendem desacreditar a Casa da Moeda e muito em especial jogando com a situação do pessoal que nela casa ganha o seu sustento e dos seus.

2.º Tornar responsáveis por qualquer incidente que venha a dar-se aqueles que para satisfazer interesses ocultos, pretendem arrastar o pessoal da Casa da Moeda para o cão, para a miséria.

3.º Agir por todas as formas que ao seu alcance no sentido de se evitar que tal inci-

Os operários não devem hesitar em revelar as manigâncias dos industriais feitas em gêneros de alimentação pública.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Convocações

REUNEM HOJE

Federação Mobiliária, Conselho federal. — Pelas 20 horas, com a ordem de trabalhos anteriores publicada.

S. U. Mobiliário. — Pelas 20,30 horas, em assemblea geral, para continuación dos trabalhos pendentes.

S. U. Metalúrgico. — A 20 horas a comissão administrativa para um assunto urgente.

Litógrafos e Anexos. — A comissão administrativa, pelas 19 horas prefixas para tratar dos trabalhos pendentes e doutros de máxima importância para a classe, sendo por este motivo conveniente a presença de todos os componentes desta comissão, com os delegados das oficinas.

A' mesma hora a comissão de Educação e Propaganda.

Corticeiros de Lisboa. — A assemblea geral, pelas 20 horas, na sede sindical, da Marvila, 57, 1.º, para tratar da seguinte ordem de trabalhos: Eleição do fiscal para o mês de Novembro e outros assuntos de interesse para a classe.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares. — As direcções dos Sindicatos Gráficos de Lisboa, juntamente com a comissão de organização e secretariado, a 21 horas.

Compositores Tipográficos. — Pelas 18 horas, extraordinariamente, a direcção, para assuntos de classe.

Pintores da Construção Naval e An